

F. CHAGAS BAPTISTA .



HISTORIA COMPLETA DE

ANTONIO SILVINO

SUA VIDA DE CRIMES E SEU JULGAMENTO

LIVRARIA H. ANTUNES — Av. Marechal Floriano, 39 — Rio

F. CHAGAS BAPTISTA

História Completa
de
Antonio Silvino

Sua vida de crimes e seu
julgamento



LIVRARIA H. ANTUNES

OS CRIMES DE ANTONIO SILVINO

Antonio Silvino nasceu em 2 de novembro de 1875. Fez as primeiras mortes em julho de 1896. Ferido por um dos seus companheiros, em um combate com a Polícia de Pernambuco, entregou-se à prisão em 28 de novembro de 1914

Leitor, em versos rimados
Vou minha história contar,
Os crimes que pratiquei
Venho agora confessar,
Jurando que da verdade
Jamais me hei de afastar.

Pedro Batista de Almeida
E Balbina de Moraes,
Casados catòlicamente,
Foram meus legítimos pais,
Nascidos em Pernambuco
E do Pajeú naturais.

Nas margens do Pajeú
No distrito de Ingazeira,
Junto à Serra da Colônia
Vi o sol a vez primeira;
Ao nascer trouxe nas veias
Sangue da raça guerreira.

Nasci em setenta e cinco
Num ano de inverno forte,
No dia dois de Novembro,
Aniversário da Morte;
Por isso o cruel destino
Deu-me de bandido a sorte.

Meu avô foi muito rico
E meu pai foi abastado,
Mas não me mandou educar
Porque onde eu fui criado
O povo não aprecia
O homem civilizado.

Ali se aprecia muito
Um contador, um vaqueiro,
Um amansador de potro
Que seja bem calingueiro
Um homem que mata onça
Ou então um cangaceiro.

Meu pai fez diversas mortes,
Porém, não era bandido;
Matava em defesa própria
Quando se via agredido,
Pois nunca guardou desfeita,
Morreu por ser atrevido.

Enquanto eu era pequeno
Aprendi a trabalhar,
Chegando aos 14 anos
Dediquei-me a vaquejar,
Abracei aos vinte anos
a profissão de matar.

No ano noventa e seis
Meu pai foi assassinado
Pela família dos Ramos;
Já sendo nosso intrigado
Um deles, o José Ramos,
Que era sub-delegado.

Para punir êsse crime
Ninguém se apresentou;
A justiça do lugar
Também não se interessou;
Aos bandidos a policia
Parece que auxiliou...

E eu que vi a justiça
Mostrar-se de fora à parte,
Murmurei com meus botões:
— Também hei de arrumar-te!
Não quero código melhor
Do que seja o bacamarte.

Eu chamei pela justiça,
Esta não me quis escutar,
Vali-me do bacamarte,
Que me veio auxiliar
Nele achei tôdas as penas
Que um código pode encerrar!

No bacamarte eu achei
Leis que decidem questão
Que fazem melhor processo
Do que qualquer escrivão.
As balas eram os soldados
Com que eu fazia prisão.

Minha justiça era reta
Para qualquer criatura,
Sempre prendi os meus réus
Em casa muito segura;
Pois nunca se viu ninguém
Fugir duma sepultura!!

No dia 5 de Junho
Do ano noventa e três,
Fiz eu as primeiras mortes
Matando dois de uma vez!
Manuel Ramos Cabeceira
E um tal João Rosa de Arez.

Depois que fiz essas mortes,
 Fiquei desacomodado:
 Começou a perseguir-me
 Da Ingazeira o delegado,
 Um tal de Francisco Braz;
 Matei-o, fiquei vingado.

Então a família Ramos
 Fugiu para Imaculada,
 Onde por Delmiro Dantas
 Foi protegida e guardada.
 Nunca mais peguei um deles
 Nem mesmo numa emboscada.

Desde esse tempo que vivo
 Sofrendo perseguição,
 Mas com minha atividade
 Sempre evitei a prisão!
 Vendo-me, assim, obrigado
 A fazer-me valentão!

No ano noventa e sete
 Um parente e meu amigo,
 O velho Silvino Aires,
 Dissera-me: — Vem comigo
 Ao Teixeira, que eu preciso
 Vingá-lo de um inimigo.

De noventa e sete em Junho
 Nós cercamos o Teixeira;
 O delegado Dantinho
 Deu uma boa carreira.
 Foi isso que o livrou
 De uma surra ligeira...

Porque meu tio Silvino
 Desejava castigar
 Esse delegado afoito
 Que um dia mandou cercar
 Sua fazenda, e os móveis
 De casa mandou quebrar.

Quando nos desenganamos,
De não pegar o Dantinho,
Voltamos para o Pageú,
P'ra lugar que nos convinha;
Dali fomos p'ra Campina
Onde uns parentes eu tinha.

Fomos à vila do Ingá
Com o Prisco nosso amigo,
Este encontrou na estrada
"Marcela", um seu inimigo,
Que foi logo assassinado
Por não fugir ao perigo.

Pouco depois dêsse crime
Meu tio e chefe voltou
Para Pageú de Flores
Onde a polícia o pegou.
Nosso grupo reuniu-se
E seu chefe me aclamou.

Ao ver-me o chefe do grupo
Meu nome próprio mudei;
Então por Manuel Batista
Nunca mais eu me assinei,
E foi de Antônio Silvino
O nome que eu adotei.

A justiça do Ingá
Processou-me, mas voltei
A essa vila, e o Paço
Municipal assaltei.
E os processos que havia
Ali, os incendiei.

Em Abril de noventa e nove
Em Canhotinho abracei
A profissão de marchante.
Depois, então assentei
Praça no quartel local
E três meses políciei.

Com duas horas de luta
Resolvi retirar-me;
E disse ao José Augusto:
— Agora vou me ausentar,
Prometo-lhe em pouco tempo
Com o senhor me avistar.

Dias depois, em Matinhas,
Com o mesmo me encontrei;
Tinha êle 15 praças
Com as quais, então, lutei!
Ele prendeu-me um cabra
E um soldado baleei.

Bem perto de Gravatá
De Bezerros, fui cercado
Por um senhor João Gonçalves
Que era sub-delegado;
Dêsse cerco me evadi
Com um braço baleado.

Nessa luta sanguinária
Dois capangas eu perdi
Os outros me abandonaram...
Quando sozinho eu me vi,
P'ra não cair na esparrela
Sem perder tempo, fugi...

Em Abril de novecentos
Eu em Cabaças estava;
E o Capitão Zé Augusto
Que em minha pista andava,
Cercou-me com trinta praças
Quando eu menos esperava,

Dentro de um engenho velho
Fiz uma trincheira forte,
De onde atirei cinco horas...
Não houve nem uma morte!!
Dali fugi com os meus
E procurei outro norte.

Estava eu na guarda local
 Quando um doutor me chamou
 E me disse: — Amigo Antônio,
 Minha espôsa me deixou
 E se você for buscá-la
 Seis contos de réis lhe dou.

Está em Santa Filonila
 A mulher a quem procuro,
 Na Usina de Santos Dias,
 Traga-me, que eu asseguro
 Terá seis contos de réis;
 Isto eu lhe garanto e juro.

Fui com meu primo Argemiro
 E um grupo que lá juntamos,
 Cercar a usina citada;
 Porém quando lá chegamos,
 Nem o major nem a filha
 Em sua casa encontramos.

Uma mocinha da casa
 Talvez por ser imprudente,
 Passou em frente a meu rifle
 Que a feriu inconsciente...
 Lamentei a morte dela
 Por ter morrido inocente.

O capitão Zé Augusto
 Em Fagundes me cercou,
 Com uma tropa que em mim
 Duas horas atirou:
 Prendeu um dos meus capangas
 E dois de bala matou.

Nesse combate matei
 De Zé Augusto um soldado,
 Deixei um sem orelha,
 Um de cabeça rachada,
 Um com olho furado,
 E outro com um pé trilhado.

Durou mais de meio dia
 Esse combate sangrento.
 Ao faltar-me munição
 Deixei o acampamento
 E fiquei de fora olhando
 Do combate o movimento.

Estando eu fora do cêrco
 Dei inda um tiro, que sinto
 Ter êle alvejado apenas
 O alferes Paulino Pinto;
 Ao Angelim não matei
 Porque não o vi distinto.

No tiroteio os soldados
 Seis cangaceiros mataram.
 E pegaram nove à mão
 Que, também, assassinaram.
 Como se sangra animais
 Êles aos homens sangraram!

Os que puderam fugir
 Desembestaram a correr
 Dizendo: — O diabo é quem espera
 Para sangrado morrer!
 Cada qual mais precavido
 Procurava-se esconder.

O sargento José Lopes,
 Vendo o alferes baleado,
 Ordenou sangrassem os presos,
 Obedecendo-o um soldado
 Não o matei porque o rifle
 Estava descarregado.

Vi matarem todos: nove,
 De um a um, por escala,
 Mataram todos à faca,
 Não quizeram estragar bala,
 Sòmente Antônio Francisco
 Morreu sem perder a fala!

Em junho do mesmo ano
Eu estava no Surrão
Com cinquenta companheiros;
Tinha muita munição
E gente para brigar
Até com um batalhão.

Estávamos todos juntos
Na casa do José Gato,
Apenas o Rio Preto
Estava doente no mato
José matou uma rês
Para nos dar melhor trato.

Eram oito horas do dia,
Estávamos bem encalmados,
Quando inesperadamente
Por cento e vinte soldados
Eu e meus companheiros
Nos vimos todos cercados!

Eram dois os comandantes
Dêsse reforço inteiro;
Alferes Paulino Pinto
(Da Paraíba o primeiro)
E o capitão Angelim,
(De Pernambuco) um guerreiro.

Era uma luta medonha
Todo êsse povo atirando!
As balas perto de mim
Passavam no ar silvando;
O tiroteio imitava
Um tabocal se queimando!

A polícia entrincheirou-se
Dum riacho na barreira
Donde nos fazia fogo;
Era uma boa trincheira:
Se eu não fôsse cuidadoso
A tropa não voltava inteira.

Em novecentos e dois,
 Pelo Ingá ia passando,
 Quando encontrei um enxerido
 Que andava denunciando
 De mim e meus companheiros:
 Sem mais nada o fui matando.

A 15 de Fevereiro
 De mil novecentos e três
 Em Filgueiras, Pernambuco,
 Vi pela primeira vez
 A um meu perseguidor;
 Matei-o com rapidez!!

Esse meu perseguidor
 Era o subdelegado
 Francisco Antônio Cabral,
 Sendo homem precipitado,
 Viviu me perseguindo,
 Mas dêle estou descansado.

Matei Marcos dos Pinhões
 No mesmo ano, não estou
 Lembrando agora em que mês:
 Ele a mim denunciou,
 Por isso tirei-lhe a vida
 Que pouco, aliás, me custou!

Em Aroeiras matei
 Um pombeiro de primeira,
 (Era um tal de Severino)
 Que servia de "chaleira"
 Fêz uma vez a polícia
 Dar-me uma boa carreira!

Em novecentos e quatro
 Eu no Mogeiro me achava,
 O ex-sargento Manuel Paz
 Nessa ocasião passava;
 Fiz a êle o que êle a mim
 Há muito fazer tentava.

Fugi do Surrão. No Estado
De Pernambuco encontrei
A um dos meus intrigados
A quem eu não perdoei.
Era Sebastião Correia:
Êste com um tiro matei.

Na fazenda Pedreiras,
Distrito do Caicó,
Estava no Rio Grande,
Eu quase que fico sól
Lá eu me vi apertado...
Qual moleque no cipó...

O Tenente Tolentino
Nessa fazenda cercou-me
Com uma fôrça de polícia
Que, peito a peito, atacou-me!
Nós trocamos muitas balas
Mas êle não acertou-me.

Logo com o primeiro tiro
Dois sargentos derrubei,
Com uma bala certa
Ambos de uma vez matei!
Depois de dar outros tiros
Fora do cêrco pulei.

Desta vez o Tolentino
Matou-me seis cangaceiros,
Dentre êstes um menino,
Que era um dos meus companheiros
O que tinha mais coragem:
Seus tiros eram certos.

Tolentino perseguiu-me,
Porém eu pude fugir
Para o Estado do Ceará,
Onde pude residir
Alguns meses, sem ninguém
Onde eu estava descobrir.

Esse tal Manuel da Paz,
No tempo em que era soldado,
Emboscou-me muitas vêzes,
Fêz-me andar bem assustado,
Porém eu com um tiro só
Matei-o e fiquei vingado.

Em Outubro do mesmo ano
Fui dos meus acompanhado
Para a Vila do Pilar,
Lá estava encarcerado,
Um meu amigo, e p'ra soltá-lo
Fui em traje de soldado.

Quando cheguei ao Pilar
Do quartel me apossei;
Da munição dos soldados
Também me apoderei;
E as chaves da cadeia
Do carcereiro tomei.

Soltei em seguida os presos
E amarrei os soldados
Que encontrei no lugar,
Deixando-os encarcerados;
Como êles não se opuseram,
Não fiz mal aos desgraçados.

Com os soldados na cadeia
Deixei também o carcereiro;
Dirigi-me ao delegado;
Que me deu algum dinheiro;
Procurou logo imitá-lo,
Um distinto cavalheiro.

Quando saí do Pilar
Para o Ceará subi.
Então no Cariri Novo
Alguns meses residi,
Senti que me perseguiram,
Sem perder tempo fugi...

Com destino a Pernambuco
Do Ceará regressei;
De volta, no município
Do Piancó eu passei,
E na povoação de Bonito
Numa casa me hospedei.

De ofender os moradores
Eu não levava intenção,
Mesmo eu não tinha intrigados
Naquela povoação
Mas nada disto livrou-me
De uma grande traição.

Juntou o subdelegado
Alguns homens no lugar
Moradores, e com êles
Quis destarte me cercar;
Êle estava preparado
Para a vida me tirar.

E quando êles me cercaram
Eu não ousei resistir,
Porque uma bala certa
Veio o meu rifle partir;
E eu, vendo-me desarmado,
Tratei logo de fugir.

Em novecentos e cinco
Eu meti-me em questão feia.
A pedido de um amigo,
Dei uma surra de peia
Em um sobrinho legítimo
Do sr. José Gouveia!

Então o José Gouveia,
Julgando-se desfeitoado,
Dissera que me matava
Para o rapaz ser vingado,
Porque nunca um seu parente
Tinha de peia apanhado.

Ele não quis perder tempo:
 Logo que pensou assim,
 Foi-se valer da polícia
 Para perseguir a mim,
 Declarando a todo o mundo
 Que havia de me dar fim.

Dirigiu-se à capital
 Da Paraíba: lá então
 O presidente do Estado
 Nomeou-o capitão
 De polícia, e deu-lhe ordem
 Pra minha perseguição.

Foi também ao Recife
 E a mesma ordem recebeu,
 Lá o chefe de polícia
 Soldados lhe ofereceu,
 Passou-lhe uma carta branca
 E armamento lhe deu.

Disseram que êle vinha
 E eu fui então tocaia-lo;
 Perto de Caruaru
 Eu resolvi esperá-lo,
 Porém um grande acidente
 Privou-me de encontrá-lo.

Eram dezoito do mês
 De Dezembro. Eu tinha ido
 Esperar o Zé Gouveia,
 Mas, não estando prevenido,
 Fui feirar no Trapiá,
 Pois queria estar munido.

Eu não fui ao Trapiá
 Matar ninguém nem ferir,
 Fui só comprar munição
 Pra melhor me prevenir,
 Julgando que lá ninguém
 Me havia de perseguir.

Estava eu dentro da feira
Quando um homem perguntou-me:
— Você é Antônio Silvino?
E de repente atirou-me!
Nesse mesmo instante um negro
Outro tiro disparou-me.

Os tiros não me feriram
Nem me fizeram pavor.
Eu, na fumaça da pólvora,
Gritei ao atirador,
Que era Antônio Nicácio,
Celeberrimo Inspetor!!

— Bandido! segura o tiro,
Não faz coisas de menino,
e com Antônio Silvino,
Repara que estás pegado
Vamos ver no ferro frio
Se dás parte de mofino!

Proferi estas palavras
Já com o meu punhal na mão
E lancei-me ao Inspetor
Veloz como um furacão:
Dei-lhe a primeira facada
Abaixo do coração.

Ele pulou para trás
Com a ligeireza do gato
E gritou: estou ferido!!
Quando vi do sangue o jato
Gritei-lhe: Cuide na vida
Porque eu agora o mato!!

Travamos renhida luta,
Então com poucos momentos
Eu fiz-lhe com meu punhal
Outros grandes ferimentos;
Ouvi-lhe dizer: — Morri,
Sem vencer os meus intentos.

Nisto senti por detrás
 Uma terrível pancada;
 Eu fiquei tonto e tombei
 Por cima de uma calçada,
 Ergui-me no mesmo instante
 Tendo a cabeça rachada.

Foi o negro que atirou-me
 E que me deu à traição
 Com o rifle, que disparou
 Esta pancada, e então
 Desembestou a correr
 Ligeiro que só um cão.

Recorbrei logo os sentidos
 E o traidor procurei,
 Porém não pude encontrá-lo,
 Quase possesso fiquei!
 Nisto meus cabras chegaram
 E eu fazer fogo mandei.

— Atirem nesses diabos!
 Eu gritei à cabroeira;
 Em menos de dez minutos
 Estava acabada a feira,
 O povo tinha corrido...
 E ganhei a capoeira...

Ao depois que todo o povo
 Tinha desaparecido,
 Uns no mato, outros nas casas,
 Estava tudo escondido;
 Encontrou-se um homem morto
 E um cavalo ferido.

Tôdas as portas da rua
 Num momento se fecharam,
 Uns noivos que lá estavam
 Ninguém sabe onde esbarraram
 Num beco um menino morto
 Depois as cabras acharam.

Depois de tudo acabado
Resolvi me retirar.
A rua estava deserta,
Não tinha com quem brigar;
Pelo capitão Gouveia
Decidi não esperar.

Então com os meus companheiros
A Paraíba voltei;
No distrito de Campina
Um inimigo encontrei,
A tiros e a punhaladas
A ele eu assassinei.

Manuel Rodrigues Tôres
Chamava-se êsse senhor,
Que era meu inimigo
E também perseguidor;
Fiz a ele o que farei
A quem me fôr um traidor.

Em novecentos e seis,
A vinte e seis de janeiro,
Estava eu nos Tatus
Com o meu grupo inteiro,
Quando ao capitão Gouveia,
Dei o combate ao primeiro.

Gouveia ao cercar-me disse:
— Silvino, segura o tiro!
Respondi-lhe: — Seu Gouveia,
Você hoje perde o giro,
Porque se matar-me eu o mato,
E se me ferir eu o firo!

Travamos um tiroteio
Que durou quase uma hora.
Então Gouveia bradava:
Ou você se entrega ou morre,
— Antônio Silvino, agora
Ou esmorece ou vai embora.

Respondi-lhe: Não me entrego,
 Nem morro, nem csmoreço,
 E' certo que vou embora,
 Para outra vez mo ofereço;
 Lembre-se sempre de mim,
 Que de você não me esqueço.

Dito isto, os cabras dêle
 De mim se aproximaram.
 Eu dei a última descarga
 E ouvi dizer: — Me mataram!!!
 E outro gritar: — Me acudam!
 Que os cabras me balearam!

Receci que a munição
 Se pudesse acabar;
 E disse aos meus companheiros
 — Devemo-nos retirar;
 Desintegramos a tropa
 Não temos por quem esperar.

No Estado da Paraíba
 Com um correio me encontrei:
 Das malas que êle trazia
 Eu logo me apoderei:
 Então tomei testemuhas
 E as malas tôdas queimei.

E dei ao correio as coisas
 Que a êle pertenciam;
 Queimei as malas porque
 Julguei que elas traziam
 Dinheiro ou instruções...
 Para os que me perseguiam.

Ao depois que eu tomei
 As malas dêsse correio,
 O govêrno entendeu
 Que êsse era um ato feio;
 E então em minha pista
 Uma grande escolta veio.

A companhia inglêsa,
Em construção de uma linha,
Atravesou uma terra
De propriedade minha,
Procurei para dizer-lhe
Que isto não me convinha.

Foi, a sete de setembro,
De novecentos e seis,
Ao povoado Mogeiro;
Destinei-me dessa vez
A cortar o fio aéreo
E pegar algum inglês.

O fio do telegrama
Logo ao chegar eu cortei,
E uma pilha de madeira
Na linha férrea eu deitei;
Foi graças à esta astúcia
Que um trem de lastro esbarrei.

Ao senhor Chico de Sá,
Que era um dos passageiros,
Dirigi-me, por saber
Ser êle dos empreiteiros:
E êle me deu cem mil réis
P'ra mim e meus companheiros.

Eu disse ao Chico de Sá:
— Eu venho aqui lhe avisar
Que esta terra me pertence
E p'ra o trem nela passar
E' preciso a companhia
Primeiro me indenizar.

São trinta contos de réis
Que a mim terá de pagar
A companhia inglêsa:
Do contrário hei de arrancar
Os trilhos, e por aqui
O trem não há de passar!!

Então o Chico de Sá
 Prometeu-me que daria
 O meu recado aos inglêses
 Gerentes da companhia,
 Para que êles mandassem
 A exigida quantia.

Ao govêrno federal
 A companhia inglêsa,
 Mandou pedir garantias;
 Êle, com tôda presteza,
 Mandou vir um contingente
 Da companhia em defesa.

Do batalhão vinte e sete
 Noventa e quatro soldados
 Vieram em meu alcance,
 Sendo êstes comandados
 Por quatro officiais
 Homens já experimentados.

Do segundo batalhão
 Quarenta praças valentes
 Vieram-me perseguir,
 Guiados por dois tenentes;
 Na cidade de Campina
 Juntaram-se os contingentes.

Então o capitão Formel
 Dividiu em diligências
 As fôrças que comandava,
 Tomando mil providências,
 Garantindo não falharem
 As suas experiências.

Resolvi deixar o plano
 De embaraçar a linha
 De ferro, porque essa fôrça
 Disposta a matar-me vinha;
 Então a vinte de novembro
 Entrei em Alagoinha.

Na vila de Alagoinha,
No momento em que cheguei
A todos os negociantes
Sem demora coletei;
Procurador do Govêrno
Desde então me intitulei.

No dia dois de dezembro
Do ano já referido
Entrei na Alagoa-Nova,
Sendo ali bem acolhido;
Coletei todo o comércio
E em tudo fui atendido.

No momento em que eu entrei
No quartel policial,
Dentro da Alagoa-Nova
E ao telégrafo cerquei,
Dos soldados que lá havia
Até a roupa tomei

Recebi todos os impostos,
Fiz muito bom apurado
E depois telegrafei
Ao presidente do Estado,
Dizendo-lhe que ao comércio
Eu já havia coletado.

Em seguida retirei-me
Logo que fiz a cobrança
Contra mim ninguém se opôs,
(Nunca vi gente tão mansa)
E entrei no dia seguinte
No povoado Esperança.

No povoado Esperança
Dois macacos eu prendi,
Como êles não se opuserem
Soltei-os, não os ofendi;
Então dos negociantes
Os impostos recebi.

Da Esperança dirigi-me
 À vila de Soledade,
 Aí, de José do Couto,
 Com quem tenho inimizade.
 Cerquei a casa, mas este
 Fugiu, por sagacidade!

Na vila de Soledade
 Recebi pouco dinheiro,
 Fugi dali e no distrito
 De Caruaru, em janeiro,
 De novecentos e sete
 Persegui um fazendeiro.

Coronel Manuel Emídio ,
 Que era subprefeito,
 E' o dono da fazenda
 Que eu cerquei sem proveito
 Por não encontrá-lo em casa;
 Porém fiz tudo a meu jeito.

Logo ao chegar na fazenda
 Alguns animais matei.
 E os dois paióis de algodão
 Em seguida incendiei:
 Então pelo coronel
 Emídio não esperei.

Perto de Taquaritinga,
 Num pequeno povoado
 A quem chamam Salgadinho,
 No mês acima falado
 Entrei, e logo o comércio
 Fui deixando coletado.

Eu o dia vinte e seis
 Do mesmo mês de janeiro,
 À barra de S. Miguel
 Fui com meu grupo inteiro:
 Ali uma boa surra
 Eu dei num alcoviteiro.

Quatro praças que lá estavam
Em ceroulas as deixei;
Então da mesa de rendas
Eu logo me apoderei;
O dinheiro que lá havia
Para o meu bôlso passei.

Incendiei os papéis
Todos da arrecadação,
Deixei nus os empregados!
Conduzi a munição
Dos soldados e os deixei
Sem farda, "comblain" e facão.

Em o lugar Serra Verde,
Município de Umbuzeiro,
Eu encontrei dois "macacos"
A oito de fevereiro,
Com dois tiros lhes provei
Que sou muito escopeteiro.

A vinte e oito do mês
De fevereiro eu voltei
Para a Vila do Pilar;
Ali o quartel cerquei
E então preendi os soldados
E as armas lhes tomei.

Fui ver depois a prisão
E soltei cinco coitados
Que nessa imunda cadeia
Estavam encarcerados
A alguns dêsses já prenderam
Por serem bem descuidados.

Depois de soltar os presos
Tomei a direção
Da casa de residência
Do doutor Napoleão.
Porém não o achei em casa
Nessa má ocasião.

Da mulher do comendador
 A senhora D. Inês,
 Pude tomar quase à fôrça
 Seis magros contos de réis,
 E se em casa houvesse mais
 Eu tomava dessa vez.

Então dirigi-me à loja
 Do mesmo Napoleão,
 Lá quatro contos de réis
 Na gaveta do balcão
 Encontrei, e vi que a mim
 Tocava aquêlé quinhão...

À municipalidade
 Pertencia êsse dinheiro,
 Porém eu que do govêrno
 Sou o principal herdeiro,
 Apossei-me dêsse cobre
 E eu guardá-lo fui ligeiro!

Quando da loja saí
 Eu fui à coletoria.
 Ali deu-me o coletor
 O cobre que em cofre havia:
 Sendo êste do govêrno,
 A mim também pertencia.

Visitei todo o comércio,
 Fiz muito bom apurado,
 E vi que de muito povo
 Eu me achava acompanhado
 Alguns pediam-me esmolas:
 Então não me fiz rogado.

Uns quatrocentos mil réis
 Com os pobres distribuí
 Não serve isto p'ra minh'alma
 Porque esta eu já perdi;
 Mas serve p'ra os miseráveis
 Que estavam nus e eu vesti.

Um official de justiça
Escreveu, por mim ditado,
Um pequeno telegrama
Ao presidente do Estado:
Já vêem que a um homem assim
Não se usa mandar recado.

No telegrama eu lhe disse
Que abandonava a questão
Da companhia inglesa.
E depois pedi-lhe, então,
Que êle a força federal
Retirasse do sertão.

Retirei-me do Pilar,
Às onze horas da noite
Sem que se dessem conflitos,
Não achei com quem brigar,
Consequindo pôr-me ao fresco
Sem ninguém me incomodar.

Em dias do mês de abril,
Na vila de Cabaceiras
Ataquei um fazendeiro;
Porém com boas maneiras,
Seis contos de réis passei
Para as minhas algibeiras.

No dia quatro de maio,
Em o lugar Cachoeira
De Caruaru, matei
Pedro e Antônio Ferreira.
E na povoação Mandaçaia
Fiz um ataque de primeira.

Veio o capitão Narciso
— Homem que honra o seu galão —
Com cem praças escolhidas
Do quatorze batalhão
Aliado ao vinte e sete,
Perseguir-me no sertão.

No dia treze de maio,
Em Bocondó eu estava,
Quando a força do exército
Que em minha pista marchava,
Deu-me alguns tiros, julgando
Que dessa vez me matava.

Saí de Bocondó
Até não muito apressado. . .
Então um soldado disse
Que eu saíra baleado;
Porém êle se enganou,
Pois seu tiro foi errado!

Provar que não fui ferido
Dois dias depois eu quis,
E na povoação de Queimados
Onde sempre fui feliz,
Eu prendi o delegado,
Um tal de Antônio Muniz.

Prêso estando o delegado
Eu prendi o seu suplente
E também um inspetor
Que ali se achava presente;
Nenhum se opôs à prisão
Nem se meteu a valente.

Guiado pelas três presos
Que me deram um dinheirinho,
Fui à casa do usurário
Senhor Demétrio Coutinho.
Quinhentos mil réis deu-me êle
Dizendo: — Fico "lisinho"!

No dia 30 de maio
Com um combóio me encontrei
No Estado de Pernambuco;
Logo as cargas embarquei,
E no lugar do Rio Grande
As mesmas incendiei.

Ao major Lucas Donato,
Protetor de um intrigado
Meu, pertencia o combóio
Que foi por mim incendiado;
Julguei que para o Bonito
Fôsse o combóio levado.

Aos matutos do combóio
Prejuízos eu não dei;
E o tal Lucas Donato,
Dizer por êles mandei,
Que o frete lhe pagasse
Das cargas que eu queimei.

O alferes Zé Caetano,
Com mais de trinta soldados,
Me tocava bem perto;
Mas eu, com os meus, apressados,
Seguimos noutra caminho
E fomos para Afogados.

Quando cheguei em Afogados
Procurei logo avisar
A tôda a minha família,
Para esta dali se mudar,
Porque os meus perseguidores
Queriam-na exterminar!

De setembro em dezanove,
E em Maria de Melo
Cerquei a Mesa de Rendas,
E sem que houvesse duelo,
Trezentos mil réis do chefe
Tomei sem fazer apêlo.

Prendi e desarmeí quatro
Soldados que nesse dia
Estavam lá. O dinheiro
Que levei, me pertencia...
Dei ao chefe a percentagem
Que o govêrno lhe devia.

Com a companhia inglêsa
 Fiz uma acomodação:
 Deu-me ela quinze contos
 Abandonei a questão...
 E o contingente do exército...
 Se retirou do sertão!

De novecentos e sete
 Em maio, no Cariri,
 Estava numa fazenda
 Quando cercado me vi!
 E nesse cêrco eu, um cabra
 De confiança perdi.

Era o Zacarias Neves
 Quem a fôrça comandava,
 E enquanto a tropa a fazenda
 Por diante e por trás cercava,
 Eu com o dono da casa
 Descuidado conversava...

Quando êles romperam fogo
 Saltamos para o terreiro;
 Então nos primeiros tiros
 Eu vi um meu companheiro
 Cair varado de balas:
 Era o Sebastião Bicheiro.

No tiroteio uma bala
 Arrancou-me a cartucheira;
 Conheci logo que a tropa
 Ocupava uma trincheira;
 Então fugi com os meus...
 E a tropa voltou inteira.

Na fazenda Muribeca,
 Duas surras mandei dar,
 Em dois cabras da fazenda
 Que se quiseram armar
 Contra os meus companheiros,
 Que os souberam castigar.

Em dias do mês de julho,
Eu passei em Gameleira,
Que fica perto do Ingá.
Como ia na quebradeira,
O senhor Zuza da Mota
Encheu a minha algibeira.

A onze do mesmo mês
Eu em Machados passei,
E do sr. Manuel João
Um conto de réis tomei;
E na vila de Natuba
Dois contos arrecadei

Matei um filho de Marcos,
Que morava nos Pinhões,
No princípio de setembro;
Quis êle formar questões
Comigo, porém passei-lhe
De minh'arte umas lições.

A vinte e oito de setembro,
Em São José dos Cordeiros,
Eu entrei com o meu grupo
Composto de seis guerreiros;
E ali de um velho usurário
Nós fomos os dizimeiros.

O velho Vicente Magro
Em São José habitava,
Dirigi-me à casa dêle,
Dizendo-lhe que precisava
De umas moedas de ouro
Que êle enterradas guardava.

O velho, que era usurário,
Disse que não conservava
Esse dinheiro enterrado;
Mas eu lhe disse onde estava
E acrescentei que se êle
Não m'o desse, eu o matava.

O velho, atemorizado,
 Arrancou essas moedas
 Que estavam enterradas
 Debaixo de umas pedras.
 Mas, para m'as entregar,
 Levou primeiro umas quedas!

Chegaram então dois rapazes
 Que eram do velho parentes,
 E contra mim os dois tolos
 Meteram-se a valentes...
 Vi-me obrigado a matar
 Um dêsses dois inocentes...

Um, eu matei a punhal,
 O outro, menos caipora,
 Comprou veado e fugiu
 Danado de porta a fora...
 Dei-lhe um tiro p'ra espantá-lo
 E deixei-o ir embora.

De novecentos e nove
 Estive, a dois de fevereiro,
 Bem perto de Sarraria,
 Em casa de um fazendeiro
 De nome Alfredo Chianca,
 Homem valente e guerreiro!

Então Alfredo Chianca
 Vinte vêzes me atirou,
 E, acabando a munição,
 Da casa a porta trancou;
 Arrombei-lhe uma janela
 E êle a mim se entregou.

Não ofendi ao Chianca
 Porque eu me admirei
 Da sua grande coragem;
 Quando em sua casa entrei,
 Dei-lhe um abraço apertado,
 E amigo dêle fiquei!

No dia vinte passei
Na povoação Cachoeira,
Que alguém chama de Cebola;
Não era um dia de Feira,
Mas lá uns negociantes
Encheram minha algibeira.

Então, de João de Farias
Eu a casa incendiei,
Em Clementino de tal
Uma boa surra dei,
De Manuel Borba e Juvência
Algum dinheiro tomei.

No dia seguinte eu estava
Descansando em Mathadinha,
Quando me alcançou uma tropa
Que em minha pista vinha;
Então, com os meus companheiros,
Fugi, porque me convinha...

Eram o José do Couto
E mais o alferes Maurício
Os comandantes da tropa,
Que obrigou-me ao sacrifício,
De dar comprida carreira
P'ra fugir ao precipício...

A tropa não nos cercou
Mas muitos tiros nos deu;
Mandei dar quatro descargas
E fugi com o povo meu;
Da casa onde estava, o dono,
No tiroteio morreu.

Era o velho João Martins:
Eu não vi a sua morte,
Porque já havia fugido
E procurando outro norte
Quando os soldados lhe deram
Para os céus um passaporte.

Deixei em Pedra Lavrada
Para essa tropa um aviso,
Dizendo que a esperava
E que lhe era preciso
Levar algumas mortalhas
Que eu lhe dera prejuízo!

A treze de abril estive
Na barra de Santa Rosa;
Ali quinhentos mil réis
Me deu o Manuel Feitosa;
Soma igual o Manuel Bezerra
Me deu com cara chorosa...

Então tomei de um soldado
As armas e a cartucheira;
E depois disse aos matutos
Que se encontravam na feira,
Que ali não pagassem mais
O impôsto de barreira.

No dia treze de julho
Eu em Fagundes cheguei;
Lá um negro e uma negra
Com duas surras matei!
Êles a mim foram falsos
E eu nunca lhes perdoei!

No princípio de janeiro
De novecentos e dez,
Tomei do coronel Lula
Dois magros contos de réis;
Nada fiz em fevereiro.
Em março espalhei os pés!...

A cinco do dito mês
Eu botei uma emboscada
No alferes Joaquim Henriques
Perto de Pedra Lavrada;
Êle vinha com a tropa
E meteu-se na cilada.

A cinco do mês de março
No Aracá eu cheguei
E com o chefe da estação,
Mui calmamente almocei;
Ali do sr. José Pedro
Quinhentos mil réis tomei.

Fui a dez do mês de abril
Visitar meu inimigo
Um tal Manuel Tavares;
Queria dar-lhe um castigo,
Mas êle fugiu ao ver-me,
Não quis se entender comigo.

Residia nos Pocinhos
Esse que fui visitar;
Só encontrei sua esposa,
Por quem mandei avisar
Que só lhe dava três dias
P'ra êle dali se mudar.

Depois de a Manuel Tavares
Eu ter dado um prejuízo,
Ataquei Francisco Afonso,
A quem disse: — Eu preciso
Hoje de muito dinheiro:
Pretendo deixá-lo "liso"!

O velho Francisco Afonso,
Que é "caipira" verdadeiro,
Me disse: — Eu não tenho um réis
E eu lhe disse: — O cavalheiro
Pagará com uma surra...
Nisto, êle deu-me o dinheiro.

Então no dia seguinte
Quando eu deixei êsses lares,
Ao crame telegráfico
Cortei em cinco lugares;
Fiz na linha o que não pude
Fazer com Manuel Tavares!

Meia légua mais ou menos
 Distante do povoado
 De nome Pedra Lavrada,
 De serras num apertado
 Com meu povo entrincheirei-me
 Estando bem municiado.

Eram dez horas do dia
 Quando eu a tropa avistei;
 No alferes Joaquim Henriques
 O primeiro tiro dei,
 E por não querer matá-lo
 Apenas o baleei.

Nisto, meu grupo que estava
 Comigo, entrincheirado,
 Também atirou na tropa;
 Feriu uma bala um soldado,
 Não o matou mas deixou-o
 P'ra tôda a vida aleijado!

Um cabo também saiu
 Com a perna baleada;
 Deu-nos a tropa alguns tiros,
 Porém ao ver-se cercada
 Fêz como eu já tenho feito:
 Deu uma carreira dançada...

Joaquim Henriques os feridos
 Para Campinas levou;
 Mas o alferes Maurício
 Que com éle se encontrou,
 Prosseguiu na minha pista...
 Com três dias me encontrou.

Com uma légua de distância
 Da povoação Periquito,
 Encontrei-me com Maurício
 Em um lugar esquisito;
 Dessa vez não me pegaram
 Porque sou muito perito!

A tropa estava escondida
Dentro do mato, almoçando,
Quando eu vinha distraído,
Com dois homens conversando;
Pegaram a meter-me "duchas"
E quase me iam matando!

Nem ao menos tive tempo
De um tiro só disparar,
Pois se eu perdesse um minuto
Não me podia salvar,
E por não ir prevenido
Resolvi-me retirar...

Foi a dezoito de abril
Que eu estava no Juá,
Fazenda pouco distante
Da vila de Taperoá,
Quando um correio caipora
Ia passando por lá.

Era êle o João Domingos,
De três malas portador;
Tomei-lhe as malas e abri-as,
Achei cartas com valor
Em dinheiro, e dêste eu fiz-me
No mesmo instante senhor!

Alguém ainda pediu-me
P'ra as cartas eu não romper,
Porém, a êsses pedidos
Resolvi não atender,
P'ra não perder o ensejo
De ao govêrno ofender.

Eu sei que o govêrno paga
Qualquer quantia avultada
Que o agente ou estafeta,
Deixa ser extraviada,
Por isso a correspondência
Fôra por mim violada.

Não ofendi ao correio
 E' um simples empregado
 Por êle o não merecer.
 Que cumpre com o seu dever,
 E mesmo, a quem não me ofender
 Eu não gosto de ofender.

Abri as malas sòmente
 P'ra do govêrno vingar-me,
 E também p'ra, do dinheiro
 Que eu encontrasse, apossar-me;
 Cento e quarenta mil réis
 Foi só o que pôde tocar-me.

Nas Zonas do Cariri
 Demorei-me um mês inteiro;
 À vinte e sete de maio,
 Maurício, o audaz guerreiro
 Achou-me a pista e buscou-me
 Como quem busca dinheiro!

A fôrça que comandava,
 O alferes dividiu
 Eu dois grupos de oito homens;
 À uma tropa guiava
 O sargento Zé do Couto;
 À outra êle comandava.

Dos soldados do alferes
 Um era rastejador,
 E pôs-se a seguir-me a pista
 Qual perito caçador,
 Só não me alcançaram cedo
 Porque sou muito animador...

À vila de Soledade
 Eu segui em direção;
 Tôda essa tarde seguiu-me
 À tropa em perseguição,
 Perderam-me à noite a pista
 Devido à escuridão,

Debaixo de um umbuzeiro
A tropa se aquartelou,
E ali tôda essa noite
Ela acordada passou;
Que eu estava muito perto
O alferes não suspeitou.

Quando a luz da madrugada
Principiava a raiar
Aproximei-me da tropa,
Pude-a observar
Mas eu nessa ocasião
Não quis a ela enfrentar.

Então com os meus companheiros,
Ligeiros como quem vôa,
Fomos esperar a tropa
Adiante numa lagoa;
De uma cêrca de pedra
Fizemos trincheira boa.

Eram oito horas do dia
Quando eu na trincheira entrei;
A tropa demorou pouco...
O primeiro que avistei
Em frente à boca do rifle,
Com um tiro o derrubei.

Era êle o tal soldado
Que me ia rastejando;
Caiu sem dar mais um passo!
E os outros recuando...
Nesse momento os meus cabras
Foram os rifles disparando.

Ouvi fazer um soldado
A Maurício êste convite:
— Alferes, atire logo
Em Silvino a dinamitel
Eu aos meus disse: fujamos,
E ninguém se precipite!

Devido ao troar dos tiros
Meu pessoal não me ouviu.
O fogo estava cerrado...
O alferes investiu:
Atirei-lhe na cabeça
E êle por terra caiu.

O alferes só teve tempo
De três tiros disparar.
A bomba de dinamite
Não me conseguiu atirar,
Porque eu matei-o logo
Antes dêle me matar.

Um soldado inda gritava:
Atirem bem essa bomba!
Corri e gritei aos meus:
— Corram que o diabo é quem zomba
Da terrível dinamite,
Que onde bate tudo tomba.

Seis minutos mais ou menos
Depois que os tiros cessaram
Dois soldados corajosos
Do alferes se aproximaram;
Do dinheiro que êle conduzia
Então logo se apossaram.

Voltei ao campo da luta
Para ver quantos morreram.
As praças que lá estavam,
Quando me viram correram
Com tanta velocidade
Que creio que até se perderam.

Atirei-lhes ainda de longe
E creio que um balcei,
Mas deixei-os ir embora,
Dos mortos me aproximei
E da bomba envenenada
Logo ali me apoderei.

A bomba, essa eu guardei
Os papéis que encontrei,
Como se fôsem do govêrno
Incendiá-los mandei .
E sem encomendar outros,
Da Barra me atirei.

Também estive em Serrinha
Onde ordenei a um soldado
Que o impôsto de barreira
Por êle ali arrecadado,
Fôsse só pela metade
Aos sertanejos cobrado.

No ano mil e novecentos
E onze, ainda brigado
Não tinha eu uma só vez,
Quando em abril fui cercado
Pelo alferes Ramalho.
Que me deu algum cuidado.

Foi no lugar S. Mamede
Que êsse encontro se deu;
Alguns jornais afirmaram
Que o meu grupo correu...
Foi êrro; vou aos leitores
Contar o que aconteceu.

O alferes José Ramalho
Julgou que eu era pichote;
Atirou-me entrincheirado,
Porém deu errado o bote,
Porque eu não sou arara:
Me entrincheirei num serrote.

Ele tirou-me de longe
E um tiroteio cerramos.
Que durou mais de uma hora,
Té que ambos esgotamos
Tôda a nossa munição,
E depois nos acalmamos.

Depois que a luta cessou
Esperei o resultado
Que ficou por isso mesmo:
A fôrça tinha arribado.
Notei então que um dos meus
Tinha sido baleado.

Fui em junho a Maranguape
Aonde fui bem aceito;
Ali hospedei-me então
Na fazenda do prefeito;
Este deu-me um tratamento
Que me deixou satisfeito.

Pedi-me muito o prefeito
Para eu não ir à cidade;
Atendi o seu pedido
De muito boa vontade,
Pois com pessoas dali
Eu não tinha inimizade.

Então aos negociantes
Mandei logo um mensageiro
Com cartas minhas, pedindo
A todos algum dinheiro;
Mandaram-me o rico arame,
Ninguém se fêz de estradeiro.

A dezenove de julho,
Por ter dela precisão,
Então os meus companheiros
Nessa mesma ocasião,
Carregaram dos dois mortos
Fardas, rifles e munição.

Ao ver que já tinha morto
Meu maior perseguidor.
Senti o meu coração
Possuído de rancor,
Por ter dado a morte a um homem
Que me metia pavor!

De esmigalhar o cadáver
 Senti um desejo insano!
 E covarde e friamente
 Executei êsse plano
 Porque o meu coração
 Não tem mais nada de humano !

Com uma pedrada deiizei-lhe
 A cabeça estacelada!
 Depois mandei cada um
 Dos meus dar-lhe uma facada,
 Fiz tudo isso e não senti
 A minh'alma perturbada!

Sei que minh'alma já está
 Muito negra e empedernida,
 Porque cento e uma vêzes
 Tenho-me feito homicida!
 O crime hoje é a coisa
 Mais comum da minha vida!

Se eu não matasse Maurício
 Creio que êle me matava;
 Pois era o oficial
 De quem mais receava.
 A bomba que êle trazia
 Era o que mais me assombrava.

Eu o fio do telégrafo
 No mesmo dia cortei
 Em dez ou doze lugares;
 Depois avisar mandei
 A polícia de Campina
 E com os meus me ocultei...

Fui em setembro de mil
 E novecentos e dez
 A barra de S. Miguel
 E lá espalhei os pés;
 Matei, pedi e tomei
 Quase três contos de réis.

Lá dois soldados quiseram
 Comigo se arreliar,
 Porém eu matei um dêles
 E no outro mandei dar
 Uma surra, e, no meu grupo
 Fi-lo à fôrça bruta entrar...

Então guiado por êle
 Eu fui à Mesa de Rendas;
 O dinheiro que achei lá
 Mal deu para as encomendas;
 Eu embolsei-o dizendo:
 — Êste é p'ra as minhas merendas.

Na Mesa de Rendas todas
 Bem perto da Soledade,
 Eu consenti os meus cabras
 Fazerem perversidade
 Com a família dos Coutos,
 Com quem tenho inimizade.

Num irmão do Zé do Couto
 Dar uma surra mandei,
 E o compadre João de Banda
 Dar na mãe dêle deixei,
 Do velho Couto um paiol
 De algodão incendiei,

Foi esta a primeira vez
 Que consenti espancar
 Uma mulher, pois no velho
 E' que o compadre ia dar;
 Não o achou, deu na velha
 P'ra a viagem aproveitar.

Então ordenei à velha
 Que com o marido repartisse
 As pancadas que levou,
 E ao Zé do Couto pedisse
 P'ra êle ir criar seus filhos
 E comigo não bulisse.

No dia nove de agosto
Assisti a um casamento
Perto de Tapeorá;
Com grande contentamento
Participei do banquete
E de todo o divertimento...

A um padre que estava lá
Assisti de confissão!
Dispensei-o de rezar
O ato de contrição:
Limitou-se a responder-me
O que lhe perguntei então.

Depois que o absolvi
Ordenei-lhe que guardasse
Para mim algum arame;
Para quando eu precisasse,
Disse êle que ao meu dispor
Estava, se eu o ocupasse.

Saí então da fazenda
De Jocelino Vilar,
E então no dia seguinte
Eu consegui me encontrar
Com meu primo Antônio Godô,
E juntos fomos andar...

No dia doze estivemos
Na Passagem; lá cortei
O arame telegráfico,
Pois com êste me intriguei,
Porque êle é mexeriqueiro
Com prazer o estraguei.

Estive também a passeio
Em São João do Sabugi,
Conceição do Azevedo,
Currais Novos e Araci;
Fiz por lá boas colheitas
E voltei para Cariri.

Em Conceição do Azevedo
 A música me visitou,
 Dinheiro, "busquês" e baile
 O povo lá me ofertou;
 E ainda há gente que diga
 Que ao Rio Grande não vou?!

A vinte e quatro de agosto,
 Da Viração muito perto,
 O alferes João Facundo
 Num lugar pouco deserto
 Emboscou-me, porém eu
 Fui mais do que êle esperto!

Eu vi a tropa emboscada
 Então desviei-me dela,
 E num boqueirão da serra
 A toquei com cautela;
 Voltou a tropa e mais tarde
 Caiu na minha esporrela.

Quando a fôrça se aproximou
 Nove tiros lhe enviei,
 E nesse mesmo momento
 Ao alferes então gritei:
 — Se não correr, comandante,
 Sua tropa arrasarei!

Quis o alferes resistir-nos,
 Porém viu logo ali feridos
 Caírem quatro soldados;
 Todos soltando gemidos
 Diziam: — Se não correremos,
 Matam-nos êsses bandidos!

A tropa ainda me atirou
 Mas pôs-se logo a fugir;
 Eu também não esperei
 Que outra pudesse vir.
 E pus-me ao fresco; os feridos
 Resolvi não perseguir...

Na noite do mesmo dia
Encontrei um conhecido
Que me procurou abraçar;
Mas eu me fiz distraído,
E dei-lhe tão grande tapa
Que o deixei no chão caído!

Poucos dias depois disto
Com a polícia me encontrei;
Trocamos ainda alguns tiros
Mas eu a ninguém matei,
E tendo enganado a tropa
P'ra longe me retirei.

Em novembro, em Macapá,
Fui visitar Manuel Belo,
Mas como não o encontrei
Para entrarmos em duelo,
Deixei-lhe a casa queimada
E o mobiliário em farelo.

Ao chegar em Macapá
Só o genro dêle achei;
Deu-me êste a chave do cofre,
E o que dentro encontrei
Foi uns dez contos de réis;
Dêstes, então me apossei.

O Manuel Belo movia
Contra mim perseguição...
Por isso queimei-lhe a loja
E um vapor de algodão;
Dei-lhe mais um recado:
Que não esperasse perdão!

Dias depois eu estive
Na povoação de Serrinha,
Passei na Vila Pilar,
Onde a terra é quase minha,
E depois fui ocultar-me
Em lugar que me convinha...

De novecentos e doze
Em maio, no alto sertão,
No lugar Riacho Sêco,
Eu tive o ensejo então
De encontrar meu inimigo
O negro Antônio Carão.

Esse negro a um meu parente
Havia assassinado
Simplesmente p'ra roubar;
E por ser meu intrigado
Matei-o à bala e por mim
Foi seu corpo então queimado!

Dei-lhe dois tiros deixando-o
Muito ferido no chão,
Fiz por cima do seu corpo
Uma coivara, e então
Ateei fogo e deixei-o
Virado em cinza e carvão.

No dia sete de junho
Em Santa Luzia entrei
E então dos negociantes
Uns trinta contos levei;
E no capitão Aristides
Uma grande surra dei!

Há uns dez anos jurei
De Aristides me vingar,
Porque dois cabras meus foram
À polícia se entregar,
E êle os mandou na cadeia
De fome e sêde matar.

Prometi dar-lhe uma surra
E a promessa cumpri,
E então a sua família
Dessa vez eu persegui;
De alguns levei dinheiro,
Doutros os bens destruí.

Fui à vila de Afogados
De Ingazeira, onde nasci,
E uns nove contos de réis
Naquela vila colhi!
Mas o Desiderio Ramos
Por caiporismo não vi.

Parei perto do Monteiro,
Estive na povoação
De Jatobá, e em Queimadas
Fiz boa arrecadação;
De Santa Cruz uns dois contos
De réis conduzi então.

A quinze do mês de julho
Eu fui a Santa Maria,
E os moradores de lá
Julgando que eu corria,
Deram-me uns tiros, mas eu
Reagi como devia.

Com poucas horas de fogo
Os cabras esmoreceram.
Acabaram o tiroteio
E para o mato correram...
Eu tomei conta da rua
E todos ali sofreram!

Incendiei quatro casas
E dei de peia a valer!
Deixei diversos feridos,
Só não fiz nenhum morrer
Porque êles correram logo,
E quem corre quer viver...

Fui ao Engenho Filgueiras
Do major João Florentino;
Ele outrora perseguiu-me
E eu fui dar-lhe um ensino,
P'ra êle saber que só Deus
Matará Antônio Silvino.

Cerquei-lhe a casa, mas êle
Quis se meter a guerreiro,
Brigamos mais de uma hora,
Matou-me êle um cangaceiro,
Matei-lhe outro e êle ferido
Foi para o Limoeiro.

Logo que o major fugiu,
Do engenho me apossei,
Recolhi todo o dinheiro,
Depois as casas queimei;
Cinquenta contos de réis
De prejuízo lhe dei!

Paguei a um camarada
Para o meu cabra enterrar,
E voltei a Paraíba
Perto da Vila Pilar.
Demorei-me, decidido
A alguns dias descansar.

As malas de um correio
Perto de Patos tomei,
E tôda a correspondência
Que êle trazia, queimei;
Foi essa a terceira vez
Que êsse crime pratiquei.

Das Espinharas, da Serra
Das Preácas eu estava
Em uma furna, era noite;
Ali, adormecido eu sonhava
Que o espírito de Maurício
De surpresa me atacava.

Dizia-me êle — Silvino,
Prepara-te para lutar,
O que fizeste comigo,
Agora me vais pagar;
Visto os vivos não quererem
A minha sorte vingar.

Ergui-me sobressaltado
E um tiro disparei
Contra o fantasma e, então,
Muito ligeiro acordei;
Ouvindo um grande rugido
Quase assombrado fiquei.

Esse rugido abalou
Até o mais fundo recôncavo
Da fuma; a serra tremeu
Desde o cimo até o tronco;
Percebi rapidamente
Que de uma onça era o ronco!

Então atirei na fera,
Que sôbre mim se lançou
E deu um tapa no rifle
Que distante o atirou.
E ouvindo o estampido
Mais assanhada ficou!

Dei um pulo para trás
E da pistola puxei,
Porém no mesmo momento
Que um tiro lhe disparei
Deu ela n'arma outro tapa,
E desarmado me achei!

· Felizmente nessa gruta
Entrava a luz do luar,
E o solo era espaçoso...
Continuei a pular
Me desviando da fera
Que me tentava agarrar!

Num dêsses saltos eu pude
Puxar da cinta o punhal,
E apertei-o na mão
Com uma ira infernal,
Dizendo: — Se eu não morrer
Mato este audaz animal!!

A onça era tão ligeira
 Como de um raio o clarão!
 Eu não voava, porém
 Mal sentava os pés no chão!!!
 Compreendi que em matá-la
 Estava a minha salvação.

E quando a fera avançou
 De arma em punho a esperei
 E então ao pé da guela
 Tal punhalada lhe dei,
 Que o punhal, enterrado,
 Dentro dela abandonei.

Ela em minha mão esquerda
 Deu uma grande dentada,
 E onde passou as unhas
 Deixou-me a pele esfolada;
 Só feriu-me no momento
 Em que lhe dei a punhalada...

A onça, ao ver-se ferida,
 Um enorme salto deu
 Rugindo com tanta fôrça
 Que a serra estremeceu;
 Então por sôbre o lajedado...
 O corpo em cheio estendeu...

Enraivecida, rugindo,
 Tentava se levantar,
 Procurando em vão com os dentes,
 A arma do peito arrancar.
 E eu, desarmado, temia
 Que ela voltasse a lutar!

Quando a fera se aquietou,
 Da gruta me retirei,
 E todo o resto da noite
 Noutra fuma repousei.
 Sòmente pela manhã
 Meus companheiros busquei,

E reunido ao meu grupo
Nessa fuma penetrámos;
A onça morta a um canto
Logo ao entrar encontramos:
Minha pistola e meu rifle
Ambos quebrados achamos,

Vi que no peito da fera
O punhal estava enterrado
E reparei que o meu rifle
Tinha o coice esfacelado!
A pistola achei-a longe
Com o gatilho quebrado.

Então do peito da onça
O meu punhal arranquei,
E o sangue o ensopava
Logo em um lenço limpei.
Depois, com muito cuidado
Eu a onça examinei...

Era uma onça pintada,
De formas descomuns
Os dentes ponteagudos,
Unhas longas, desiguais;
Tinha os músculos dianteiros
Mais grossos que os demais.

Retiramo-nos da gruta,
E minhas feridas curei.
Consertar as minhas armas
Por um ferreiro mandei,
E junto aos meus companheiros
Outras zonas procurei.

No Rio Grande do Norte
Com a Polícia me encontrei,
E com o comandante desta
Então conferenciei...
E para pagar a cerveja
A êle logo intimei.

O major Seabra jurou
 Comigo não se intervir,
 Eu também lhe garanti
 Com os déle não bolir;
 Pois eu só mato soldado
 Que me anda a perseguir.

De novecentos e treze
 Eu em janeiro cheguei
 À Cachoeira dos Guedes,
 E do Rufino levei
 Dois contos; e um telegrama
 Para a Capital passei.

Às altas autoridades
 Nesse telegrama eu disse
 Que só pretendo morrer
 Em adiantada velhice,
 E que elas me perseguindo
 Cometem grande tolice!!

A força que acompanhava
 O alferes Irineu
 Encontrou-me em Soledade
 E alguns tiros me deu;
 Mas, fugi, por'star na casa
 De um velho amigo meu.

Em Lagoa do Remigio
 Fui à agência do correio;
 Botei p'ra fora o agente
 Sòmente porque era feio;
 Tomei-lhe o cobre dos selos
 E contra mim ninguém veio.

Uma vez dono da agência
 Dei logo um expediente,
 E avisei ao diretor
 Que ali eu era o agente,
 E que todo o apurado
 Tocaria a mim sòmente!

Então a um negociante
Comprei muita munição;
Arranjei muito dinheiro
Depois da arrecadação
Ao povo da Serraria
Fui passar uma lição.

Perto da Vila hospedei-me;
Veio ali me visitar
O major Antônio Bento
Que logo mandou chamar
O delegado, e êste foi
Meu impôsto arrecadar!!

Eu estava no Ingá
Na casa dum camarada,
Quando inopinadamente
A fazenda foi cercada
Por soldados de polícia
Que não arranjaram nada...

Porque com muita cautela
Resolvi me retirar
Da fazenda, pois não quis
Contra a polícia atirar.
Nesse dia eu não estava
Disposto para matar.

Há muito que eu procurava
Encontrar um valentão,
Que para lutar comigo
Tivesse disposição;
E de achar êsse duro
Tive um dia ocasião.

Perto do Brejo de Areia
A quatro de fevereiro
De novecentos e nove,
Encontrei êsse guerreiro
Que não matou-me, porque,
Vali-me de Deus primeira.

Era um sujeito mestiço,
De cabelos afogueados,
Os dentes muito amarelos,
Beijos grossos e rachados;
Pés chatos e mãos compridas,
Olhos grandes e encarnados.

Conheci que êsse cabra
Era mau de profissão
Então para dar-lhe uma sova
Me pediu o coração;
E eu quis me certificar
Se o cabra era valentão.

Gritei-lhe: — Cabra, quem és?
De onde vens e p'ra onde vais?
Disse-me o cabra: — Meu nome
É Diabo ou Satanás;
Venho do inferno e contigo
Vou lutar ou fazer paz!

Vens comigo fazer paz?
E eu pedi-te essa aliança?
— Não pediu, mas poder ter
Em mim tôda a confiança...
Respondi-lhe: — De salvar-me
Ainda eu tenho esperança.

Disse-me o diabo: — E esperas
Ainda por salvação?
Te esqueces que fazer crimes
É só a tua profissão?
Respondi: — E não se salvou
Da Bíblia o Bom Ladrão?

— Se êsse Dimas se salvou
É porque amava a Deus,
Mas tu és um inimigo
Dos dez mandamentos seus!
E eu perguntei-lhe: — E você
Conhece os intuitos meus?

Disse-me o diabo: — Eu bem sei
Que é funesto o teu destino:
És traidor, és perverso,
És ladrão e assassino!
E hoje para o inferno
Irás comigo, Silvino!...

Quando eu ouvi o diabo
Estas frases proferir,
Respondi-lhe: — P'ra que inferno
Contigo eu não hei-de ir!
Disse-me êle: — Isso agora
Havemos de decidir!

Para decidirmos isso
Lutarmos muito é preciso...
E dito isto disparei-lhe
Um tiro de improviso.
O diabo aparou a bala
E disse com ar de riso:

— Ah! não me atires, porque
Com balas tu não me ofendes.
E acrescentou: — À certeza
Eu tenho de que te rendes,
Se prolongares a luta
Eu juro que te arrependes!

— Render-me? nunca! E o rifle
Vinte vêzes disparei...
E presumo que os tiros
Todos no diabo acertei,
Mas êste, aparando as balas
Deu-mas quando eu terminei.

Então conheci que a bala
Para o diabo não se fêz;
E manejando o punhal
Vibrei-lhe com rapidez
No peito uma punhalada,
Mas errei inda uma vez!

Dei-lhe cãnda muitos golpes
Julgando que o matava,
Mas todos foram perdidos
Porque a arma não o furava:
O punhal batia nêle
E envergado ficava!

Lutamos uns dez minutos...
Então eu compreendi
Que não vencia o diabo,
Porém, não esmoreci!
E quando me vi perdido
Logo de Deus me vali...

Dizia o diabo sorrindo:
— Levo-te sempre comigo;
E' melhor ficares manso,
Que te terei como amigo.
Então eu disse: — Meus Deus,
Livrai-me dêste inimigo!

Vi que lutando morria;
Eu a rezar me dispus.
Então me ajoelhei
E rezei o credo em cruz,
E disse: — Eu te esconjuro,
Diabo! em nome de Jesus!

Quando eu me persignei
P'ra longe o diabo correu
E disse! — Falar em Deus,
Foi isso o que te valeu.
Mas de outra vez voltarei,
Serás companheiro meu!

Depois fiz paz com o diabo,
E hoje em dia êle me segue;
E já não temo que o mesmo
Para o inferno me carregue,
Eu só não quero é que um dia
Êle à polícia me entregue.

Deus que me tinha no mundo
Para um instrumento seu,
Já havia decretado
Tudo quanto aconteceu
Comigo, depois dêsse dia
Tirou o prestígio meu!

A dezoito de novembro
Eu em Pocinhos cheguei;
Que o padre Antônio Gaudino
Desse-me um jantar, mandei;
E que me servisse à mesa
Ao mesmo padre obriguei.

Quando eu me retirei, o padre
Lançou-me a excomunhão,
Missa de corpo presente
Como em minha intenção.
Na noite do mesmo dia
Me apareceu uma visão.

Eu estava em uma casa
Jogando bem descuidado,
Quando apareceu-me um homem
Com um objeto embrulhado;
E me disse: — Eis um presente
Que para si foi mandado.

Ergui a vista, porém,
Já o homem não avistei;
Abri o pacote, e dentro,
Um par de algemas achei;
Fiquei tão impressionado
Que ali quase me assombrei!

Compreendi que o padre
Botara-me urucubaca!
A estrêla que me guiava
Viu-a no céu mais opaca;
De minha vida a corrente
Conheci que estava fraca.

Na manhã do outro dia
 Eu na estrada encontrei
 Com um boi de Cristiano:
 Bem à testa lhe atirei;
 Visto não pegar o "gringo"
 No boi dêle me vinguei.

Depois de andar oito léguas
 De onde o boi tinha ficado,
 Debaixo de um umbuzeiro
 Sentei-me um pouco enfadado,
 Quando vi chegar o boi
 No qual eu tinha atirado.

Esbarrou perto de mim
 Ameaçando-me dar.
 Chegou esvaído em sangue
 E donado para urrar;
 Como quem vinha somente
 Para de mim se vingar.

Quando eu vi aquela cena
 Perdi logo a esperança;
 Conheci que minha vida
 Estava numa balança;
 O urro do boi dizia:
 Meu sangue pede vingança!

Conheci que aquêle boi
 Da morte era mensageiro;
 Quis atirar-lhe, e meu rifle
 Mentiu fogo; então ligeiro,
 Me retirei e não quis
 Que matasse um companheiro.

Depois, com meus companheiros,
 Fomos p'ra Taquaritinga,
 Eu convenci-me de que
 Me acompanhava a caninga.
 Meu coração me dizia:
 Silvino, volta e te vinga!

Porém, eu não quis voltar
Na mesma noite cheguei
Em Lagoa de Laje,
E no mato me ocultei.
Debaixo de um juazeiro...
Quatro horas descansei...

Porém, no dia vinte e oito
Melancólico me senti;
Passei o dia jogando...
Às cinco horas me vi
Pela polícia atacado,
E ao fogo, então, resisti!

Como eu estava em campo raso,
Num sertote me entrincheirei;
Guiando os meus companheiros,
De umas pedras me amparei,
Foi ferido o Joaquim de Moura
Mas brigando me conservei.

Foi por detrás de uma cerca
Que a polícia se ocultou,
De onde nos fazia fogo;
O meu rifle disparou
Trinta vezes contra ela,
Mas nem um tiro acertou.

No pai de um velho companheiro
Uma surra eu tinha dado;
(Já fazia quatro anos)
E o cabra havia jurado
De me matar à traição
Em um momento aprazado.

Esse cabra traiçoeiro
Perto de mim atirava
Por detrás de uma pedreira.
Vendo que eu não o olhava,
Atirou-me por detrás
Quando eu menos esperava!

E uma bala de Mauser
Pelas costas me varou,
E saindo pelo peito,
Um rombo enorme deixou,
Caí no chão quase morto
E o cabra ali me roubou.

Levou-me todo o dinheiro
E um anel de brilhante,
Levou-me um grande punhal
E um rifle muito importante;
Não me pude defender
Porque estava agonizante.

Quando despertei da síncope
Foi que me senti ferido;
Ali procurei meu grupo
Que de mim tinha fugido,
Tudo quanto eu possuía
Tinha desaparecido.

Com dificuldade ergui-me
Depois de me ter sentado;
Olhei em redor e vi
Um homem no chão deitado,
Era o amigo Joaquim Moura
Que se achava baleado.

Chamei-o, êle se sentou
E me disse: — Estou perdido,
Mas não me entrego à polícia,
Portanto eu me suicido...
Deu um tiro na cabeça.
Morreu sem dar um gemido!

Quis eu também suicidar-me
Mas as armas não achei;
O veneno que eu trazia
Nos bolsos, não encontrei.
Levantei-me e a uma casa
Quase de rastro cheguei.

Ao dono dessa vivenda
Pedi que fôsse chamar
O comandante da fôrça
Para a êle eu me entregar,
Pois eu estava quase morto
E queria me confessar.

Quando a polícia chegou
Tinha o dia amanhecido
Então o alferes Teofanes
De mim se aproximou;
Mas devido ao meu estado,
Êle não me interrogou.

Fui para Taquaritinga
Pela fôrça conduzido:
Levaram-me numa rêde
Porque eu estava tão ferido,
Que não andava, e cheguei
Quase que desfalecido.

Dois dias e uma noite
Eu passei encarcerado
Na cadeia da cidade,
Sendo muito visitado;
A vinte e nove já eu
Me sentia melhorado.

No dia trinta bem cedo
Em um burro me montaram,
E para Caruaru
Os soldados me levaram.
Mais de duzentas pessoas
Na estrada nos encontraram.

Chegando em Caruaru
Cinco horas descansamos;
As duas da madrugada
Para o Recife embarcamos.
As sete horas do dia
Nesta capital chegamos.

Por médicos e enfermeiros
Vim no trem acompanhado
O Dr. Chefe de Polícia
Também se achava a meu lado,
Tratamento de primeira
Foi sempre a mim dispensado.

Mais de duas mil pessoas
Me esperavam na estação,
E me olhavam confusas
Com muita admiração
Grande massa acompanhou-me
À Casa de Detenção,

A bala que me feriu
Pelas costas penetrou.
Saiu no peito direito
E o pulmão me afetou:
Mas só prostrou-me porque
A cardite me atacou.

Os médicos já conseguiram
Meus ferimentos curar...
O resto da minha vida,
Vou na prisão descansar,
Porque dos crimes que tenho
Não espero me livrar.

Já me confessei a um frade,
Mas não estou regenerado,
Acho-me muito abatido
E estou desequilibrado;
Agora com o suicídio
Eu vivo impressionado.

Sòmente à fatalidade
Eu devo a minha prisão,
Pois todos sabem que eu era
Um indomável leão!
E nem eu sei porque foi
Que me entreguei à prisão.

Não me prenderam, entreguei-me
Porque fui impulsionado
Pelo destino talvez!
Vi-me ferido e roubado,
Vim morar nesta prisão,
Cumprir a lei do meu fado.

O MEU JULGAMENTO

Fazia vinte e um meses
Que eu me achava na prisão;
Já estava mais robusto
E completamente são,
Quando fui levado a Olinda
P'ra aí ser julgado então.

Foi em mil e novecentos
E dezesseis, bem me lembro
Começou o meu julgamento
No princípio de setembro,
Estava reunido o júri
Sem que faltasse um só membro.

Presidiu meu julgamento
O Dr. César Godim,
O qual foi pelo governo
Escolhido p'ra esse fim;
Não sendo ele meu amigo
Podia julgar a mim.

Foi o meu advogado
Dr. Adolfo Simões;
Esse ilustre bacharel,
Com suas aptidões,
Povou que eu tive razão
Em dominar os sertões.

O Dr. Pedro Caú
 Serviu como promotor,
 Como órgão da Justiça
 Foi o meu acusador.
 Quis êsse dar aos meus crimes
 Maior vulto e mais horror.

Disse o juiz de Direito:
 — Queira o réu me responder
 Se sabe porque está prêso,
 Porque julgado vai ser;
 Pode também alegar
 Razões p'ra se defender.

Respondi-lhe: — Sr. Juiz.
 Porque estou prêso bem sei,
 Pois vim pagar na prisão
 Os crimes que pratiquei;
 Razões p'ra me defender
 Algumas alegarei.

— Concedo ao réu a palavra
 Para êle se explicar;
 Dizendo quais as razões
 Que teve para matar,
 E em que lei encontrou
 O direito de saquear.

— Senhor juiz eu criei-me
 Como um sertanejo honrado,
 Vivendo do meu trabalho
 Sem a ninguém ser pesado.
 Quando atingi vinte anos
 Vi meu pai assassinado.

Os que mataram meu pai,
 Em vez de perseguição
 Da policia do lugar
 Tiveram foi proteção,
 Então resolvi matá-los
 E acho que com razão.

Depois dos primeiros crimes
Vi-me logo perseguido;
Fui obrigado a viver
A lei da necessidade
Nas montanhas escondido
Obrigou-me a ser bandido.

Disse o juiz: — Estou ciente,
Vejo que teve razão
De se fazer criminoso,
E mandou que o escrivão
Iniciasse a leitura
Do meu processo em questão.

Leu o escrivão o processo
Todo arbitrário e ilegal.
Depois fêz-me o promotor
Uma acusação verbal;
Disse que eu como bandido
Era o gênio do mal.

E falou: — Senhores jurados,
Êste é o Antônio Silvino
Que matava no sertão
Homem, mulher e menino,
Era ladrão e malvado,
Desonrador e assassino!

Durante doze anos
Foi o terror dos sertões,
Assombravam todo o mundo
As suas depredações
São de um homem desabusado
Tôdas as suas ações.

Confio que os jurados,
Que são homens conscientes,
Dêem o máximo da pena
Que é o prêmio dos delinquentes
A essa fera humana
Assassina de inocentes.

Falou meu advogado
 Replicando ao promotor,
 Provando que eu nunca fui
 De inocentes matador;
 Sempre respeitei a honra
 E nunca fui salteador.

Disse que eu sempre matei
 Todos que me perseguiram,
 Que nas vilas do sertão
 Com festas me recebiam,
 E o que eu tomava dos ricos
 Dava aos que me pediam.

E disse que eu no sertão
 Nunca de ninguém roubei,
 Aos conhecidos pedi,
 Dos governantes tomei;
 Sòmente dos inimigos
 As casas incendiei.

Findando o advogado
 Sua bela alocução,
 Pediu aos doze jurados
 Que votassem meu perdão,
 Provando que eu era vítima
 De uma vil perseguição.

Calou-se o advogado
 E o júri se recolheu
 Quando o grupo de jurados
 Na sala reapareceu;
 O Dr. Juiz de Direito
 A minha sentença lei.

Trinta anos de prisão
 Fui eu então condenado
 Anular esta sentença
 Não pôde o advogado;
 Voltei para a Detenção
 Um pouco contrariado.

Porém, já resignei-me
A cumprir minha sentença,
Pois quem mata o semelhante
Não vê de Deus a presença:
A prisão é dos crimes
A legítima recompensa.

Hoje estou arrependido
De ter sido um delinqüente;
Já ofereci-me ao govêrno
P'ra ir p'ra linha de frente
Dar combate aos alemães,
E morrer como um valente.

F I M

OBRAS DE HONORINO CARNEIRO DE QUEIROZ

	CR\$
Chofer Sem Mestre	25,00
Exame de Ruas	25,00
Motorista por Perguntas e Respostas	25,00
Motores a Explosão	25,00
Electricista de Automóvel	25,00
Sou Mecânico de Automóvel	30,00
Candidato a Motorista	30,00

OBRAS DE DOMINGOS NEVES

Curso de Guarda-Livros	40,00
Contabilidade ao seu Alcance — 25,00; enc.	30,00
Meu Secretário	35,00
Contabilidade e o Imposto de Renda	50,00
Carteira do Contabilista	40,00
Inventários e Balanços	35,00

OBRAS DE RAUL REINALDO RIGO

Quarenta e cinco Lições de Inglês	12,00
Método Adiantado de Inglês	10,00
Orador Popular	12,00
Inglês sem mestre em trinta dias	5,00
Francês sem mestre em trinta dias	5,00

OBRAS DE RENATO DE ANDRADE

Conheça seu Rádio	60,00
Conserte e Construa seu Rádio	50,00
Conserte e Construa seu Rádio — Suplemento ...	12,00

OBRAS DE CAROLINA INVERNIZIO

Crime nas Trevas	8,00
Combóio da Morte	8,00
Formosa Detetive	8,00
Filha do Mistério	8,00
Máscara do Criminoso	8,00
Paraíso e Inferno	8,00
Suplicio do Remorso	8,00

OBRAS DE N. PEREIRA

Os Superheterodinos	20,00
---------------------------	-------

(Enviem-se catálogos)

MÃOS DE FADA

	Cr\$		Cr\$
ALBUM DE BORDADOS		ENXOVAL DO BEBÊ	
Publicadas mensalmente —		Moldes com desenhos para	
Cada volume	8,00	bordar — Mãos de Fada	
MÉTODO UNIVERSAL		Publicação mensal,	
DE CORTE		cada	8,00
Para vestidos de senhoras		Album de Crochet ns. 1 e	
e crianças	80,00	2. cada	25,00
Album de corte sem mestre,		Ponto em Cruz	20,00
2 volumes, cada	35,00	Album de Rendas	8,00
		Coleção de Bordados —	
		Haide	5,00

COLEÇÃO POPULAR (Histórias a Cr\$ 2,50)

História do Imperador Carlos	História de Branca Flor
Magno	História de Antônio Silvino —
Amores e Fezanhas de Lampeão	Amador Santelmo
História de Pedro Sem	Filha Assassina
História de Zezinho e Mariquinhas	Donzela Teodora
História de João Brandão	José do Telhado
História de João Soldado	João de Calais
História de Roberto do Diabo	Aventura de Cacasseno

(A Cr\$ 4,00)

História da Princesa Magalona	Noite da Taberna
	Dicionário das Flores

(A Cr\$ 5,00)

Secretário Completo dos Amantes	Mil Anedotas Familiares
Livro de Ouro dos Namorados	Anedotas e Poesias de Boacay
Conselheiro dos Amantes	História de Pedro Malazarbes
História de Antônio Silvino —	Cinco Minutos — José de Alencar
Chagas Batista	Oráculo ou Leitura de Nossa Vida

(A Cr\$ 6,00)

Elzira a Morta Virgem	Livro Completo dos Sonhos
Romeu e Julieta	De José de Alencar: Iracema —
	Ubirajara

DIVERSOS

	Cr\$		Cr\$
Manual Prático de Corres-		Coza da Cozinha	8,00
pondência Comercial e		Doceria Nacional	10,00
Oficial	12,00	Orador do Povo	12,00
Novo Manual de Correspon-		Palavras Cínicas — A. Fer-	
dência Familiar	12,00	jaz Sampaio	12,00
Escreva Isaura — E. Gui-		Espumas Flutuantes —	
marães	12,00	Castro Alves	18,00
Moreninha — J. M. Macedo	8,00	Senhora — José de Alencar	
Mil e Uma Noites		Guarani	15,00
Novo Manual dos Namora-			
dos (Tratado de Civili-			
dade	10,00		

5046

COLEÇÃO POPULAR

(A CRS 4,00)

- Declaração de Amor
- História da Princesa Magalona
- Dicionário das Flores
- Noite da Taberna
- João Calais

(A CRS 6,00)

- Secretário Completo dos Amantes
- Livro de Curc dos Namorados
- História de Antônio Silvino — Chagas Batista
- Anedotas e Pcesias de Bocage — Cr\$ 7,00
- História de Pedro Malazartes
- Cinco Minutos — José de Alencar
- Cráculo ou a Leitura de Nossa Vida
- Elzira a Morta Virgem
- Iracema — José de Alencar
- Ubirajara — José de Alencar
- Livro Completo dos Sonhos — Cr\$ 8,00

DIVERSOS

Manual Prático de Correspondência Comercial e Oficial . . .	12,00
Novo Manual de Correspondência Familiar	12,00
Escrava Isaura — B. Guimarães	12,00
Mcreninha — J. M. Macedo	8,00
Novo Manual dos Namorados (Tratado de Civilidade)	
Guia da Cczinheira	12,00
Loceira Nacional — (Dona de Casa)	15,00
Crador Fcpular	12,00
Falavras Cínicas — A. F. Sampaio	12,00
Espumas Flutuantes — Castro Alves	20,00

LIVROS ESCOLARES

Obras de Maximiano Augusto Gonçalves

Noções de Matemática	20,00
Autores do programa de latim, 1.º Volume	15,00
Tradução das Cantilinária, de Cícero	35,00
Questões de linguagem, trechos para corrigir e corrigidos	35,00
Noções de Gramática Fortuguêsa	12,00
Noções de Geografia e História do Brasil	12,00
Noções de Aritmética	15,00
Fabulário em verso popular	25,00
Tradução de "Pro Archia", de Cícero	20,00